

A festa das letras e os anagramas instrutivos da brincadeira. Comer

The Letter Party *and the Game Instructional Anagrams.* Eating

Sílvio Augusto de Oliveira Holanda*
Universidade Federal do Pará - UFPA

151

Thiago Azevedo Sá de Oliveira*
Universidade Federal do Pará - UFPA

RESUMO: Entre as crianças, é corriqueira a máxima “a hora do lanche, a hora mais feliz”. Tirando proveito da importância atribuída pelo sujeito infantil ao momento de comer, o livro de poemas *A festa das letras* (1937), assinado por Cecília Meireles (1901-1964) e Josué de Castro (1908-1973), instrui, evocando no jogo da ludicidade poética, reflexões anedóticas, reinventadas na teatralização da palavra. Indo além do abecedário de ingredientes, à primeira vista lançados sobre a obra, nossa proposta se coloca no exercício de passar a limpo o papel criativo das “letras”, assimilando-as pela caligrafia expressiva de versos que atentam tanto para escrita do cuidado com a higiene alimentar, quanto para a figuração ético-estética do alimento.

PALAVRAS-CHAVE: Higiene alimentar. *A festa das letras*. Ludicidade.

* Doutor em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo. Bolsista de Produtividade em Pesquisa 2 - CNPq.

* Mestrando em Estudos Literários pela Universidade Federal do Pará. Bolsista Capes.

ABSTRACT: Among children, it is commonplace maxim “snack time, a happier time.” Taking advantage of the importance attributed by the child subject to the time of eating, the book of poems *A festa das letras* (1937), signed by Cecília Meireles (1901-1964) and Josué de Castro (1908-1973), instructs and evokes in the game of the poetic ludicity, anecdotal reflections reinvented in the theatricality of the word. Going beyond the ABCs of ingredients at first glance released under the work, our proposal is investigate the creative role of the “letters”, assimilating by as expressive calligraphy of verses written that attempt to care for food hygiene and for the ethical-aesthetic figuration of food.

KEYWORDS: Food Hygiene. *A festa das letras*. Ludicity.

Introdução

Aliando o utilitário ao estético, o abordar o tema da alimentação, a obra *A festa das letras*, composição literária direcionada a *priori*, ao público infanto-juvenil, lança, ao leitor, o desafio de observá-la, tanto em seu aspecto pedagógico, quanto, ao que parece de maior interesse, na forma criativa como a poesia elucida o tema, superando-o pela abrangência transgressora da linguagem infantil.

152

Cecília Meireles, escritora, poetisa e professora atuante nas causas educativas, aliada a Josué de Castro, médico, sociólogo e também professor, igualmente imbuído no propósito de conferir feição artística a hábitos alimentares saudáveis, a convite da Editora Globo de Porto Alegre, no ano de 1937, publicam o conhecido volume, em espécie de cartilha poética. Cabe ressaltar neste lançamento, cujos autores vêm de campos distintos, a ideia de que a conjunta participação, embora híbrida, não implica técnica inédita. Ao contrário, a transição do século XIX para o XX expõe que a lógica das “parcerias” possuía uma premissa, a bem da verdade, remota: fomentar livros a serem adotados nas escolas¹. A esse respeito, avalia-se que,

¹ Trata-se de um conjunto de crônicas em prosa poética, ilustradas por Correia Dias. Foi adotado pela Diretoria Geral da instrução pública do Distrito Federal e aprovado pelo Conselho Superior de Ensino dos Estados de Minas Gerais e Pernambuco. Ou seja, teve a função de leitura complementar que hoje se atribui aos chamados livros “paradidáticos”. A Editora Nova Fronteira o reeditou em 1977, seguindo-se algumas outras tiragens. Compõe-se

No entre-séculos constituía uma prática comum na criação literária nacional a adoção de parcerias entre profissionais de várias áreas para compor os livros de leitura que seriam adotados pelas escolas. Dentre as parcerias mais ilustres podem-se destacar a do escritor Olavo Bilac com o educador Manuel Bonfim e, também, de Bilac com Coelho Neto, quem compusera livros, no gênero infantil de grande repercussão no universo institucional, integrando a linha utilitarista, nacionalista e patriótico-cívica (FERNANDES; OLIVEIRA; MENEZES, 2008, [s.n.]).

Apostando no verbo “engajar”² pelo que dele se depreende a noção de consciência, *A festa das letras*³ desenvolve durante a escrita de vinte três poemas, versos começados pelas vinte três letras alfabéticas convencionadas pelo acordo ortográfico de então. Excetuadas as atuais X, Y e Z, cada poema prolonga o assunto começado pelo elemento gráfico, dando forma e conteúdo poéticos ao atraente jogo de contato, visualização e entretenimento gerado ao longo do processo que captura imagens e expectativas da criança.

Atentos à excludente cena da sociedade brasileira, ali dividida entre a oligarquia rural e a industrialização urbana, Cecília Meireles e Josué de Castro, sobretudo, incentivados pelos recentes avanços da criação do Ministério da Educação e Saúde (1930) e da Constituição de 1937, envolvem-se no espírito de progresso e de intervenção da arte, inerente ao contexto histórico de rupturas e transformações estéticas, econômicas, políticas e

de pouco mais de trinta crônicas. “Criança” abre a coletânea, dirigindo-se diretamente ao leitor e buscando sua cumplicidade (GOLDSTEIN, 2010, p. 38).

² “[...] no sentido próprio, *engajar-se* significa também *tomar uma direção*. Há assim no engajamento a ideia central de uma escolha que é preciso fazer. No sentido figurado, engajar-se é desde então tomar uma certa direção, fazer a escolha de se integrar numa empreitada, de se colocar numa situação determinada, e de aceitar os constrangimentos e as responsabilidades contidas na escolha. Por conseguinte, e sempre de modo figurado, engajar-se consiste em *praticar uma ação*, voluntária e efetiva, que manifesta e materializa a escolha efetuada conscientemente” (BENOIT, 2002, p. 32).

³ Sobre a tipografia e dados remissivos da obra: “O livro *A festa das letras* – edição 1996 – apresenta um formato e dimensões retangulares, nas medidas 18 x 26 cm, já em sua 8ª impressão, pela editora Nova Fronteira, conforme podemos ver no centro inferior da capa. O livro não traz o número de páginas, mas em uma contagem manual, podemos identificar que no todo ele é composto por 50 páginas, não sendo, portanto, um livro demasiado grosso quanto ao volume de páginas. Cada letra do alfabeto ocupa duas páginas, e o texto é escrito em versos” (RIBEIRO, 2008, p. 44).

sociais da época.

Durante o primeiro governo de Getúlio Vargas, nos anos de 1930, período de duas reformas constitucionais (1934 e 1937), o país vivia a promoção de novos organismos de pesquisa e estudo das condições econômicas e alimentares do Brasil. Entre outras medidas de reforma, no curso político de Vargas, cria-se o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1937). Josué de Castro, egresso dos Estados Unidos, onde havia se especializado na Universidade de Colúmbia, “participa da elaboração do primeiro Inquérito Nacional de Alimentação”, recorda Di Taranto (1993, p. 15-16).

Da Constituição de 1937, encontra-se a causa a ser combatida, ou, melhor, expurgada por artistas do porte de Cecília Meireles e Josué de Castro – a redução da taxa de analfabetismo e, da decorrente ignorância. A partir de dados retirados dos indicadores demográficos, econômicos e das taxas de alfabetização que vão dos anos de 1900 a 1950, Lourenço Filho (1965, p. 250) computa, neste intervalo, para estimados 52 milhões de brasileiros, uma marca de analfabetos, entre pessoas de 15 anos e mais, de 50%.

A defesa do ensino profissionalizante e a imposição por parte do Governo Federal para que fossem cumpridas pelas indústrias e pelos sindicatos, as obrigações constitucionais de criarem centros de ensino para os filhos dos operários e sindicalizados, constituem o fundamento basilar do perfil educativo do Brasil. Neste panorama histórico, buscou-se traçar as primeiras diretrizes estético-poéticas do “abecedário” *A festa das letras*⁴.

⁴ Entre a instrução pedagógica e o fazer poético os autores dirão: “quando possível a monotonia das recomendações didáticas, a antipatia dos conselhos e a austeridade dos princípios científicos, procurou-se dar a este livro uma feição sugestiva e suave, com esse espírito recreativo que anima a infância, tão rica de imaginação e de ritmo” (CASTRO; MEIRELES, 1996, [s.n.]).

A. Do como a *feira* do reverso, convida ao verso...

Em publicações literárias e acadêmicas anteriores às do livro *A feira das letras*, Cecília Meireles e Josué de Castro recorrem ao arsenal do qual munem suas produções (ensaios, projetos científicos, poemas, romances, memórias), a fim de torná-lo paráfrase simbólica e diversa da fonte primeira. A linguagem suave e, aparentemente, despretensiosa da poetisa, somada ao tato josueniano de humanizar questões outrora tidas como biológicas e higiênicas, reelaboram o texto poético no constante diálogo das demandas urgentes da sociedade brasileira, em igual medida, se (in)formando⁵.

Exatamente pela chamada da formação, nos escritos de *Criança, meu amor...* (1924), a autora do *Romanceiro da Inconfidência* (1953) deixa às claras o papel formador, leve e solidário de como se compromete em devolver aos jovens leitores uma literatura que combina assuntos do dia-a-dia, sem perder o efeito e o prazer que a tornasse em atividade de imaginação e ludicidade, logo, arte.

155

Cecília Meireles esboça, na crônica “Criança”, o passo a passo de quem se atreve a narrar para o infante, na posição de quem procura conhecê-lo para narrar, deixando-o livre para responder ou silenciar ao desejo de brincar: “Como te chamas? Que idade tens? Onde estás? Não sei. Não sei quem és, mas eu te amo”. Sem te conhecer, compus este livro que te ofereço...” (1977, p. 9).

Por intermédio do artigo “Cecília Meireles, autora de livros voltados aos pequenos leitores” (2010), Norma Goldstein situa que a crônica acima citada, perfila a coletânea meireliana em pausas do ritmo infantil. A pesquisadora chega à hipótese de que, no registro posterior dos animais de estimação, das tarefas, dos sentimentos e das brincadeiras, encadeia-se uma sequência de

⁵ Cf. quanto ao estudo da alfabetização no Brasil, o livro organizado por Mortatti (2011).

cinco ‘mandamentos’. Estaria contido, para a estudiosa, o aporte cronístico que vislumbra a fixação de limites entre o certo e o errado indicados à criança: “amar a escola, respeitar a mestra e os colegas, ser sincero, aprender com os mais velhos” (2010, p. 40).

Feito o preâmbulo da escritora carioca, torna-se plausível, para além de qualquer casuísmo utilitário ou condicionantes meramente mercadológicas, a “união” entre Cecília Meireles e Josué de Castro, a busca por pontos ressonantes na pesquisa do cientista e ficcionista cidadão do mundo⁶. Consagrado cientificamente, com a posposta aceitação mundial dos livros *Geografia da fome* (1946) e *Geopolítica da fome* (1951), Josué de Castro envereda timidamente no circuito literário, com a publicação de ensaios e resenhas literárias em jornais e contos publicados no *Documentário do Nordeste* (1937), *a posteriori* reorganizado como romance, o instigante *Homens e caranguejos* (1967).

Revolvendo a cronologia bibliográfica contemporânea à produção de *A festa das letras*, Josué de Castro, formado em 1929 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, retorna à cidade natal – Recife, ingressando como professor na Faculdade de Medicina, fundada por Otávio de Freitas.

Em 1932, o autor defende sua tese para Livre-Docente, intitulada *O problema fisiológico na alimentação*, depois publicada na *Revista de Medicina de Pernambuco*. Em pesquisa subsequente sobre as condições de vida do operariado pernambucano, origina-se o ensaio *As condições de vida das classes operárias no Nordeste* (1935). A partir deste, a discussão em torno da alimentação no Brasil adquire intensa complexidade pela quebra do pensamento científico vigente àquele momento.

⁶ “De Josué de Castro e sua obra de escritor e cientista [...] ouvi falar, tanto em Paris como em Moscou, tanto em Viena e Berlim quanto em Pequim e Ulam Bator, cidade encravada nas montanhas da Mongólia. Por toda a parte onde se lê e o trabalho da inteligência é respeitado e amado” (AMADO, 1958, p. 347-349).

Numa época em que se atribuía o atraso e a pobreza às origens climáticas e étnicas, ele afirmava serem tais estigmas causados por razões sociais, estruturas impostas à sociedade. O ensaio seria publicado em 1936, no livro *Alimentação e raça*, no qual foi incluído um apêndice a respeito de inquérito sobre as condições do trabalho agrícola no Brasil, demonstrando a preocupação com os habitantes do campo, ampliando desse modo a gama de suas preocupações, passando do Recife para o Brasil (ANDRADE, 1997, p. 173).

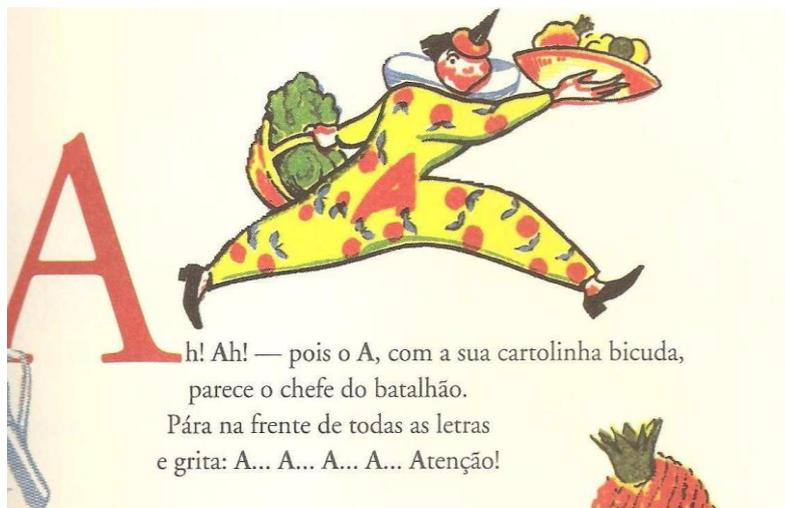
Preocupado com as cicatrizes que o vazio da fome alastra, Josué de castro a personifica enquanto fenômeno ético e estético. Consonante a suposição teórica levantada por Zaluar (1985, p. 105), o intelectual pernambucano considera o alimento como “um dos principais veículos, através do qual os pobres urbanos pensam sua condição”. Coloca-se, assim, não apenas como um porta-voz dos excluídos que não possuem o que comer, mas daqueles que se alimentam, entretanto, são carentes de educação e de hábitos de saúde, ambigualmente remediado nos nutrientes da instrução e de ficcionalização do *comer*.

Os livros da *Série Alimentação*, que com este volume se inicia, têm por objetivo criar e cultivar os bons hábitos alimentares na criança, em suas várias fases de desenvolvimento. Neste primeiro volume, procurou-se apenas apresentar à criança os elementos essenciais, imprescindíveis a uma alimentação completa e harmônica, estimulando-lhe a simpatia por certos elementos insubstituíveis, com os quais ela não se encontra, em geral, familiarizada, ou pelos quais, em virtude de hábitos dominantes, não se acentua, como era de desejar, a sua preferência (CASTRO; MEIRELES, 1996).

Josué de Castro investe tanto no estudo da fome, ao ponto de as inúmeras ferramentas de tradução alimentar que se vale atribuírem à comida o estatuto civilizatório e universal, afirmado por Norbert Elias, no *O processo civilizador* (1990). Assim como para Ackerman, que vê na comida a “grande fonte de prazer, um mundo complexo de satisfação, tanto fisiológica quanto emocional, que guarda grande parte das lembranças de nossa infância” (1992, p. 63), interpreta o escritor no interior de suas reflexões. Surge, por isso, o

nexo no qual as atividades de comer e ensinar se duplicam nos poemas de *A festa das letras*.

B. Letras em cores e movimentos...



Fonte: (CASTRO; MEIRELES, apud RIBEIRO, 2008, p. 52)

Ah! Ah! — pois o A, com a sua cartolinha bicuda, parece o chefe do batalhão. Pára na frente de todas as letras e grita: A... A... A... A... Atenção! Atenção! — que digo: Acorda, menino, vamos ser Alegre, vamos ser Ativo, eu te dou o Ar pra respiração, eu te dou a Água, eu te dou as Árvores e todas as belas frutas Amarelas, trago-te Apetite e Alimentação! Venho dançando na frente do Almoço, carregando Alface tão fina e tão fresca que todos me pedem: “Quero uma porção!” [...] (CASTRO; MEIRELES, 1996, [s.n.]).

O poema que abre o tópico, em imagem colorida, elaborada por João Fahrion, festiva e em texto, alegoriza a pregressa significação expressiva de *A festa das Letras*. O arranjo de elementos gráficos, dispostos no jogo dos versos em ‘A’ (Ah-Ah-A-A-A-A-Atenção-Acorda), instrumentaliza sílabas que remetem à junção decorrente do começo alfabético, da inaugural abertura circense e, propriamente, do despertar do livro. Nesse sentido, o jargão “Respeitável

público (atenção criançada), o espetáculo vai começar!”, seria bem empregado ao corpo poético do A, em que pese a compreensão de Goldstein (2010, p. 42) a acepção do “‘A’ personificado como comandante”, como o mestre de cerimônias do picadeiro escritural.

Com base no critério de bem aproveitar o tempo disponível das crianças nos anos de sua formação, os poemas que friccionam as atividades saudáveis de alimentação, os exercícios físicos e os devidos hábitos higiênicos (lavar as mãos e os alimentos antes de ingeri-los, escovar os dentes), reforçam letra após letra, o traquejo estético da obra literária que reivindica sua contribuição subjetiva no espaço social.

As figurações pictóricas das frutas (caso do abacaxi, em ‘A’), das verduras (caso da alface em ‘A’), pela mediação de personagens do picadeiro (o palhaço), acolhem os pequenos leitores, permitindo-lhes relativa identificação ao ambiente de diversão e saber. Meireles, ciente da rápida apreensão de conteúdo do sujeito infantil, enxerga no instante da criação literária, a importância de se fazer literatura infantil, ofertando às crianças um suplemento de qualidade:

Um livro de literatura infantil é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto. Se considerarmos que muitas crianças, ainda hoje, têm na infância o melhor tempo disponível da sua vida; que talvez nunca mais possam ter a liberdade de uma leitura desinteressada, compreenderemos a importância de bem aproveitar essa oportunidade. Se a criança, desde cedo, fosse posta em contato com obras-primas, é possível que sua formação se processasse de modo mais perfeito (MEIRELES, 1979, p. 96).

Pela evolução historiográfica confiada aos textos infanto-juvenis, Torres (2013, p. 75-6) lembra que somente a “partir do século XVIII começa[va] a tomar forma o projeto de literatura comprometida com a criança. Até então, esta compartilhava das leituras do adulto no processo de integração social.”

Esse parêntese esclarece alguns dos limites da voz na relação adulto/criança em *A festa das letras*.

Tendo em vista que, nesta obra, as peculiaridades da criança são misturadas ao sabor das noções de higiene e de saúde pediátricas, nota-se na estruturação fônico-verbal uma ênfase que apela ao referente (alimento-saúde) um jogo de rimas e anedotas. Por essa razão, cada letra carrega consigo um efeito rítmico. O bê-á-bá das letras desponta como índice de versos que se equivalem na linguagem despojada. Os poemas são formalmente estruturados em quadras que aludem, pela forma simples, às singelas cantigas de recreação infantil.

O alimento não propriamente se limita à natureza física. Os costumes alimentares e as noções de vida sadia protagonizam, no espaço do poema, uma reinvenção das funções iniciais pré-convencionadas socialmente. A comida, enquanto palavra, põe a mesa versos estilisticamente tramados por metáforas ('A' = chefe do batalhão), assonâncias (repetição fônica do A), aliterações (Fruta-frente-fresca) e paralelismos semânticos.

Entre a didatização do *comer* e sua forma redentora de fricção e cultura, encontra-se em *A festa das letras* a mesma postura adotada por Woortmann (1978, p. 4), em estudo sobre a ideologia alimentar, o “comer [que] não satisfaz apenas as necessidades biológicas, mas preenche também funções simbólicas e sociais”. Com imagens linguísticas e o uso expressivo de metáforas infantis, a cartilha poética revela-se enviesada aos dados da vida.

Acerca da literatura infanto-juvenil, recua-se à discussão do *modus operandi* com o qual a arte literária opera a fim de, segundo Cademartori (2006, p. 19-20), “cumprir junto ao seu leitor a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais e de políticas educacionais”. Cecília Meireles, em *Problemas da literatura infantil* (1979) corrobora esse pressuposto, endossando o estado de suspeita quanto ao uso corrente aplicado à definição

de Literatura infantil⁷:

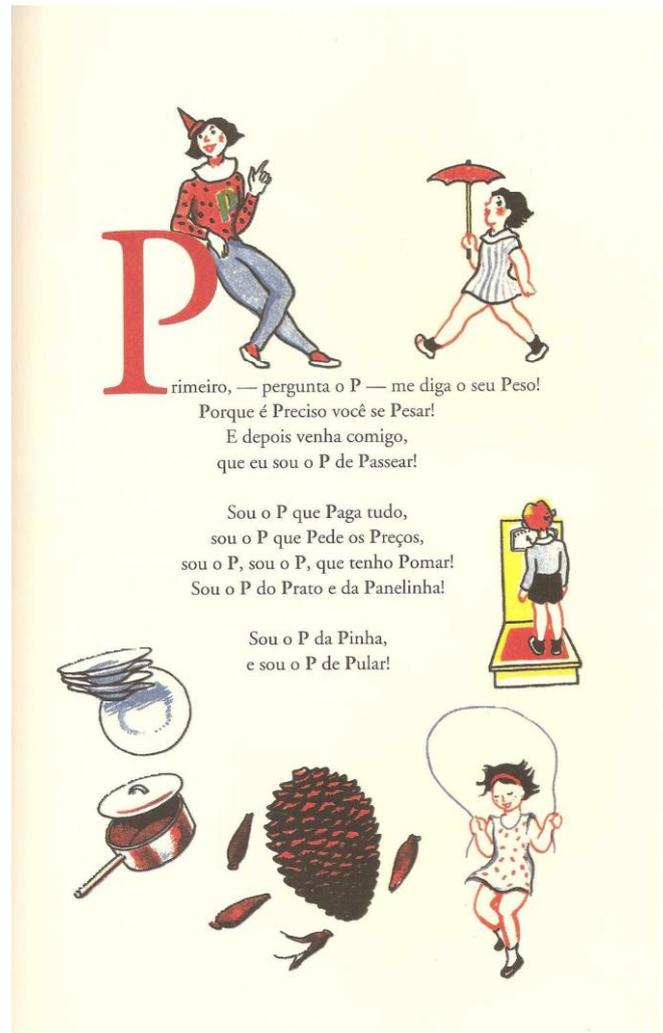
Costuma-se classificar como Literatura Infantil o que para elas (crianças) se escreve. Seria mais acertado, talvez, assim classificar o que elas leem com utilidade e prazer. Não haveria, pois, uma Literatura Infantil “a priori”, mas “a posteriori”. [...] em lugar de se classificar e julgar o livro infantil como habitualmente se faz, pelo critério comum da opinião dos adultos, mais acertado parece submetê-lo ao uso – não estou dizendo a crítica – da criança, que, afinal, sendo a pessoa diretamente interessada por essa leitura, manifestará pela sua preferência, se ela satisfaz ou não. Pode até acontecer que a criança, entre um livro escrito especialmente para ela e outro que o não foi, venha a preferir o segundo (MEIRELES, 1979, p. 19-27).

Avesso à conduta dos gêneros literários responsáveis pela preconização de diferenças entre o próprio e impróprio de cada obra, o ‘abecedário poético’ de Josué e Cecília, agrada-se por testar e misturar gostos de todos os públicos, como faz uma criança que descobrindo algo novo, que *a priori* não lhe pertence, passa a pertencer depois da “descoberta”. Lançando versos caros a assuntos urgentes, o “eu-poético” se coloca na trincheira liminar que o afasta da dicotomia de dizer o que seria comum ao sujeito infantil e ao adulto.

161

Octavio Paz (1996, p. 57) pontua que o “característico da operação poética é o dizer, e todo dizer é dizer algo”. De A a Z, os poemas de *A festa das Letras* situam em construções sígnicas, uma apreensão difusa que diz ao real uma verdade inventada, mas também verdadeira. Conduzindo a assuntos talvez mais densos para o entendimento de referenciação da criança, vale o exemplo do poema ‘P’;

⁷ “O gênero ‘literatura infantil’ tem, a meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual o bom livro para crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado em linguagem simples e isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz” (ANDRADE, apud CUNHA, 1999, p. 25).



Fonte: (CASTRO; MEIRELES apud RIBEIRO, 2008, p. 54).

Além das figuras sintáticas e semânticas (paralelismos, assonâncias, aliterações), chama-se atenção para o 1^a e o 2^o verso, localizado na segunda quadra: “Sou o P que Paga tudo, sou o P que Pede os Preços”. Na decomposição funcional dos termos oracionais, nota-se o verbo ser (sou), o pronome relativo (que), as formas auxiliares do verbo ser – “paga” – “pede”, seguidas respectivamente pelo pronome indefinido “tudo” e pelo substantivo “preço”.

Se no poema ‘A’, ‘A’ torna-se letra sinônima de apresentar a festa, a hipótese atribuída ao ‘P’, seria de arcar com as despesas, Pagador. Diante da série que

aponta para o equilíbrio do peso (pesar), exercício (passear), o ‘P’ é a letra da ponderação, da racionalidade sobre os custos a serem pagos, desde que pretenda uma vida regrada, afeita às precauções da cartilha poética.

Conclusão

Repleto do aroma de poesia que, para Cecília Meireles (2001, p. 119), “devia ser o alimento contínuo da infância”, a fisionomia compositiva de *A festa das letras* retempera as regras básicas da saúde e o trabalho poético, com o toque da metamorfose infantil. Brincar e comer adquirem a dimensão paradoxal da imensurável relação entre o objeto e a palavra. Com o poder encantatório e transgressor da linguagem, justifica-se o desejo de resolver, imaginar e refazer o quebra-cabeças do qual não se encontra a peça final. Pela montagem alfabética de poemas, com indicações de bem-estar, as ‘peças’ criam sentidos ao fazer da literatura e da saúde.

163

Deve-se ressaltar a atualidade lúdica do *corpus*, no que tange às questões de interesse contínuo do público infantil e adulto. Na atual era da sustentabilidade, cada vez mais se preconiza a busca por hábitos saudáveis, a fim de prolongar a longevidade e a qualidade de vida das pessoas. Por esta senda, o conjunto dos poemas cumpre uma função quase profética dos anseios contemporâneos relativos ao bem-estar.

Além de provocar a imaginação das crianças para a “ingestão” de palavras, de alimentos naturais e de exercícios, a parceria Meireles/Castro tangencia, igualmente poético/linguístico, o engajamento crítico dos leitores ‘maduros’. Convida-os a restaurar o horizonte de estudos em torno da ficcionalização didática, talvez, na esteira do arsenal bibliográfico de Monteiro Lobato ou, em tempo recente, a escuta das estórias de Ziraldo ou dos gibis/cartilhas de Maurício de Sousa.

Lévi-Strauss (1981, p. 41) assevera que o “homem é um ser biológico ao mesmo tempo que um indivíduo social”. Intuído dessa maneira, o abecedário literário pontilhou a condição humana em amistosa convivência entre matéria pedagógica e representação estética. Por esse motivo, a obra resiste ainda hoje ao desígnio histórico datado em 1937. Por fim, a releitura crítica do livro revitaliza o adágio que “junta à fome a vontade de comer”, conservando vivas interdisciplinaridade e *poiésis*, alimentadas a contrapelo de grafias festivas.

Referências

- ACKERMAN, Diane. *Uma história natural dos sentidos*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.
- AMADO, Jorge. Uma testemunha de vista depõe... In: _____. *O drama universal da fome*. Rio de Janeiro: Ascofam, 1958. p. 347-349.
- ANDRADE, Manuel Correia de. O homem, o cientista e seu tempo. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 29, p. 169-194, 1997.
- BENOIT, Denis. *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre*. Trad. de Luiz Roncari. Bauru: EDUSC, 2002.
- CADERMATORI, Lígia. *O que é Literatura Infantil*. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- CASTRO, Josué de. *Homens e caranguejos*. São Paulo: Brasiliense, 1967.
- CASTRO, Josué de. *Geopolítica da fome: ensaio sobre os problemas de alimentação e de população no mundo*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1957.
- CASTRO, Josué de. *Geografia da fome: o dilema brasileiro; pão ou aço*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959.
- CASTRO, Josué de. As condições de vida das classes operárias no Nordeste. In: _____. *Documentário do Nordeste*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1959. p. 75-91.
- CASTRO, Josué de; MEIRELES, Cecília. *A festa das Letras (1937)*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.
- CUNHA, Maria Antonieta Antunes. *Literatura infantil: teoria e prática*. São Paulo: Ática, 1999.
- DI TARANTO, Giuseppe. *Sociedade e subdesenvolvimento na obra de Josué de Castro*. Trad. de Maria de Fátima Mendes Leal. Belém: CEJUP, 1993.

- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador: uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.
- FERNANDES, Hercília M.; OLIVEIRA, Tânia M. Fernandes; MENEZES, Antônio. B. N. T. de. Cecília Meireles & Josué de Castro: poesia, medicina e a utopia da educação integral em *A festa das letras* (1937). In: SEMINÁRIO de Educação e Leitura, 5., 2008. Natal: UFRN, 2008.
- GOLDSTEIN, Norma. Cecília Meireles autora de livros voltados aos pequenos leitores. *Linha d'Água*, v. 1, p. 39-48, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes trópicos*. Lisboa: Edições 70, 1981.
- LOURENÇO FILHO, M. B. Redução das taxas de analfabetismo no Brasil entre 1900 e 1960: descrição e análise. *Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos*, Rio de Janeiro, v. 44, n. 100, p. 250-272, out./dez. 1965.
- MEIRELES, Cecília. Literatura infantil (28/06/1930). In: _____. *Crônicas de educação 4*. Planejamento editorial de Leodegário A. de Azevedo Filho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Biblioteca Nacional, 2001.
- MEIRELES, Cecília. *Problemas da literatura infantil*. São Paulo: Summus, 1979.
- MEIRELES, Cecília. *Romanceiro da inconfidência*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- MÉLO, Cristiane Silva; MACHADO, Maria Cristina Gomes. As contribuições de Cecília Meireles para a leitura e a Literatura Infantil. *Anuário de Literatura*, Florianópolis, v. 13, p. 6-22, 2008.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo (Org.). *Alfabetização no Brasil: uma história de sua história*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Oficina Universitária, 2011.
- PAZ, Octavio. *Signos em rotação*. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- RIBEIRO, Gabriela. *Algumas letras para falar da "Festa das Letras" de Cecília Meireles e Josué de Castro*. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.
- TORRES, Avanilda. *Entre óculos e espelhos, as gradações do olhar: uma leitura da obra de Jorge Miguel Marinho*. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2013.
- WOORTMANN, Klaus. *Hábitos e ideologias alimentares em grupo social de baixa renda*. Brasília: Fundação Universidade de Brasília, 1978.
- ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta*. São Paulo: Brasiliense, 1988.